

Uma vez, Jeffers, contei-te a história daquele dia em que conheci o diabo num comboio que partia de Paris, e contei-te que, depois desse encontro, o mal que normalmente jaz inerte sob a superfície das coisas se ergueu e se derramou sobre todas as partes da vida. Foi como uma contaminação, Jeffers: atingiu tudo, e tudo o que atingiu se tornou mau. Acho que nunca chegara a compreender quantas partes compõem a vida até cada uma começar a exercer plenamente o potencial que tinha para se tornar má. Sei que sempre entendeste estas coisas, e que escreveste sobre elas, mesmo quando não te queriam ouvir ou achavam enfadonho insistir no que é injusto e mau. Mas tu persististe e construístes um abrigo a que outros a quem corresse mal as coisas também pudessem recorrer. E as coisas correm sempre mal!

O medo é um hábito como qualquer outro e os hábitos matam o que é essencial em nós. Os anos que passei com medo, Jeffers, deixaram-me com uma espécie de vazio. Estava sempre na expectativa de que as coisas me saltassem à cara — sempre à espera de ouvir de novo o riso daquele demónio que ouvi no dia em que ele me perseguiu por todo o comboio. Foi de tarde, estava muito calor, e as carruagens estavam suficientemente cheias para que eu pensasse que bastava ir sentar-me noutra para me conseguir livrar dele. Mas sempre que mudava de assento, passados uns minutos ele lá estava, a rir-se, de pernas abertas à minha

frente. O que é que ele queria de mim, Jeffers? Tinha uma aparência horrível: amarelento e inchado, os olhos venosos cor de bÍlis; ao rir, revelava os dentes, sujos, e um, ao centro, todo preto. Usava brincos e roupa chique manchada pelo suor que lhe brotava do corpo. Quanto mais suave, mais se ria! Falava alto, sem parar, num linguajar que eu não reconhecia, mas que me parecia cheio de palavrões. Não era fácil de ignorar, mas era precisamente isso que faziam os passageiros das várias carruagens. Ele tinha com ele uma miúda, Jeffers, uma criatura inconcebível, que parecia não passar de uma criança pintada, praticamente nua, de boca semiaberta, olhos dóceis de animal sem manhas, sentada ao seu colo enquanto ele lhe tocava de forma obscena, sem que ninguém fizesse um gesto nem dissesse uma palavra para o deter. De todas as pessoas que estavam naquele comboio, seria eu a única candidata para esta prova? Talvez ele me estivesse a perseguir pelas carruagens para me provocar, para me levar a tentar intervir. Mas eu não estava em casa. Estava só de passagem nesta terra estranha, a caminho de uma casa de que me lembrava com terror íntimo, e não sentia que me coubesse a mim enfrentá-lo. É muito fácil sentirmo-nos insignificantes no preciso momento em que mais ressalta um dever moral nosso. Se lhe tivesse feito frente, talvez nada do que veio a dar-se tivesse acontecido. Mas, por uma vez, pensei: “Outra pessoa que lide com isto!” E é assim que se perde o controlo do próprio destino.

Às vezes o Tony, o meu marido, diz-me que subestimo aquilo de que sou capaz, e pergunto a mim mesma se isso não tornará a minha vida mais arriscada do que a dos outros — tal como quem não sente dor também corre maior perigo. Muitas vezes penso que há certas pessoas que não querem, ou não conseguem, aprender o que a vida tem para lhes ensinar e que essas pessoas existem entre nós como pragas ou como benesses. Àquilo que provocam tanto chamamos “transtorno” como “mudança”: o que interessa é que, quer queiram quer não, estas pessoas desencadeiam processos. Estão sempre a causar agitação, a levantar objeções, a abalar a ordem das coisas. São incapazes de as deixar ficar como estão.

O que importa é que estas pessoas, por si próprias, não são nem boas nem más: mas sabem distinguir o bem do mal quando os encontram. Achas que é por isso, Jeffers, que o bem e o mal continuam a crescer lado a lado por este mundo fora? Por certas pessoas não permitirem que um ganhe vantagem sobre o outro? Naquele dia, no comboio, decidi fingir não ser uma delas, e de repente a vida pareceu tão mais fácil, ali, ao abrigo dos livros e dos jornais com que os outros cobriam a cara e tapavam os olhos para não ver o diabo.

O que é certo é que depois disto se deram muitas mudanças e que para lhes sobreviver tive de apelar a toda a força que tinha e a toda a minha capacidade para suportar dor, num esforço que quase me matou. E depois disso deixei de ser uma praga para quem quer que fosse. Até a minha mãe decidiu por uns tempos que gostava de mim. Por fim encontrei o Tony, que me ajudou a recuperar. E, quando me ofereceu uma vida doce e tranquila aqui no paul, não é que me pus logo a agitar, a tentar criticar essa beleza e essa paz! Já conheces essa história, Jeffers, porque já a escrevi noutro lugar — só falo nela porque talvez te ajude a perceber o que te quero agora contar. Parecia-me que, por ser frágil, essa beleza não servia para nada. Se era vulnerável aos meus ataques, também o era aos de outro qualquer. Qualquer que seja o meu poder, não se compara ao poder da estupidez. Essa era, e ainda é, a lógica do meu pensamento, embora pudesse ter escolhido viver aqui num idílio de contentamento impotente. Homero di-lo na *Ilíada*, quando fala nas casas e nas ocupações aprazíveis dos homens caídos em combate, passando pelos seus elegantes trajes de guerra e pelas armaduras e carros cinzelados: tudo o que se constrói, se cultiva, se acarinha, todas estas posses — tudo isto apenas para ser destroçado por uma espada, esmagado em segundos como uma formiga.

Gostava de regressar contigo, Jeffers, àquela manhã em Paris antes de entrar no comboio onde se encontrava o diabo amarelento e inchado: gostava que a visses. És um moralista, e só um moralista poderia perceber como foi que um dos fogos que se

ateou naquele dia continuou a fumar durante anos, despercebido mas aceso no seu ângulo, alimentando-se pela calada até à altura em que as circunstâncias da minha vida voltaram a ser bastas, e tudo o que era novo se inflamou e trouxe o incêndio de novo à vida. Esse fogo foi posto numa certa manhã de Paris em que uma madrugada sedutora se alongava sobre o vulto pálido da Île de la Cité e o ar estava suspenso na imobilidade absoluta que é o arauto de um lindo dia. O céu azulava de um azul cada vez mais forte, as margens verdes de folhagem não buliam no calor, e os volumes de luz e sombra que cortavam as ruas faziam lembrar as formas primordiais e eternas que se veem nas vertentes das serras e parecem vir de dentro delas. A cidade estava parada e praticamente vazia de gente. Dava a sensação de ser, ela própria, um ente para além do humano, que só se poderia revelar quando não estivesse ninguém a ver. Eu tinha passado toda a curta noite de verão acordada na minha cama de hotel, por isso quando vira a madrugada por entre as cortinas levantara-me para passear ao longo do rio. Pode parecer presunçoso, Jeffers, para não dizer absurdo, descrever a minha experiência assim, como se tivesse a mais pequena ponta de sentido. Não duvido que neste momento esteja outra pessoa a passear por aquela margem do rio e a cometer o mesmo pecado de pensar que os acontecimentos se regem por alguma razão e que essa razão é a sua própria existência! Mas tenho de te dar a conhecer o meu estado de espírito naquela manhã, a sensação exaltada do possível que eu sentia, para que possas perceber onde tudo isto foi parar.

Tinha passado a noite anterior na companhia de um escritor muito conhecido, que na verdade não passava de um homem cheio de sorte. Conhecera-o numa *vernissage* numa galeria de arte, de onde ele fizera um tal esforço para me tirar que eu me sentira lisonjeada. Apesar de ser nova e, diria eu, de não ser feia, não era frequente, nessa época, ser alvo de atenções sexuais. O problema era que tinha a lealdade básica de um cão. Claro que este escritor era um vaidoso insuportável, para além de mentir, e nem sequer mentir com jeito. Eu, sozinha em Paris por uma noi-

te, com um marido reprovador e uma filha à minha espera em casa, tinha tanta sede de carinho que estava, aparentemente, disposta a beber de qualquer fonte. Jeffers, eu era autenticamente um cão, e carregava um tal peso que só era capaz das convulsões desesperadas de um animal agonizante. Esse peso tinha-me presa nas profundezas, e eu debatia-me e lutava para me libertar e nadar em direção à superfície resplendente da vida — ou pelo menos assim parecia, vista de baixo. Na companhia do vaidoso, a vaguear de bar em bar pela noite de Paris, insinuou-se pela primeira vez em mim a ideia de destruição — da destruição de tudo o que construía. Não, de todo, por causa dele, mas pelo que ele representava: a possibilidade, que nunca até então me ocorrera, de uma mudança drástica. O vaidoso, sempre intoxicado pela própria importância, engolia depressa pastilhas para o hálito quando achava que eu não estava a olhar e falava sem cessar de si próprio, e no fundo não me enganava, embora eu admita que procurava ser enganada. Ia-me dando corda mais que suficiente com que o enforcar, mas claro que não o enforquei, e joguei o jogo dele, quase crédula. Via-se bem que ele nunca tivera tanta sorte. Despedimo-nos às duas da manhã à porta do meu hotel, e aí ele, nitidamente, e chegando a faltar ao cavalheirismo, decidiu que não valia a pena arriscar, por uma noite comigo, a sua reputação. E eu deitei-me abraçada à lembrança da atenção que ele me dera, até que o teto do hotel pareceu levantar, as paredes, abriram-se em pétala e a enorme escuridão estrelada, receber-me nos seus braços, a mim e às consequências daquilo que eu sentia.

Porque moramos com tanta dor nas nossas ficções? Porque sofremos assim à custa de coisas da nossa própria invenção? Tu percebes porquê, Jeffers? Toda a vida quis ser livre, mas ainda não consegui libertar nem um dedo mindinho. Acredito que o Tony seja livre, mas a liberdade dele não parece grande coisa. Pega no trator azul para aparar a relva que tem de ser cortada antes da primavera e eu fico a vê-lo ir para trás e para diante com o chapéu grande de abas moles, para trás e para diante no barulho do motor. As cerejeiras à sua volta parecem carregadas de lágri-

mas, com os rebentos a esforçar-se por florir para ele, e à sua passagem a cotovia dispara para o céu e aí fica, cantando e rodopiando como uma acrobata. E eu, entretanto, fico sentada, a olhar para o vazio, sem nada para fazer. Foi isto o melhor que consegui, em termos de liberdade: ver-me livre das pessoas e das coisas de que não gosto. Depois disso, pouco sobra! Quando o Tony já passou algum tempo a trabalhar na terra, começo a mexer-me para lhe fazer uma refeição. Vou ao quintal apanhar ervas aromáticas e à arrecadação procurar batatas. Nessa altura do ano, na primavera, as batatas que guardamos na arrecadação começam a grelar, apesar de as guardarmos completamente às escuras. Deitam cá para fora aqueles bracinhos brancos carnudos porque sabem que chegou a primavera, e às vezes, ao ver uma delas, apercebo-me de que as batatas sabem mais que muita gente.

Na manhã a seguir àquela noite em Paris, quando acordei e fui passear ao longo do rio, o meu corpo mal tocava no chão. A água cintilante e esverdeada, os muros velhos inclinados, de um ocre muito pálido, onde, enquanto eu os ladeava, resplendia o primeiro sol, formavam um conjunto tão pleno que me senti a flutuar. Pergunto a mim mesma se será parecida a sensação de saber que alguém nos ama — que alguém nos ama de um amor importante, como o amor que recebemos antes de termos de facto consciência de que existimos. Naquele momento eu sentia uma segurança sem limites. Pergunto para comigo o que terei visto para me sentir assim, quando na verdade estava tudo menos a salvo. Quando, na verdade, vislumbrei o germe de uma possibilidade que iria em breve alastrar como um cancro pela minha vida, consumindo anos e substância. Quando, daí a poucas horas, me sentei diante do próprio diabo!

Devo ter deambulado assim por bastante tempo, pois quando regresssei às ruas, as lojas tinham aberto, e pessoas e carros deslocavam-se ao sol. Tinha fome, e por isso comecei a prestar atenção às montras, à procura de um lugar onde pudesse comprar alguma coisa para comer. Não me dou bem nestas situações, Jeffers: tenho dificuldade em dar resposta às minhas próprias necessidades.